

CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA

O USO DE PSICOESTIMULANTES POR ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE.

Laize Ribas Turok

laizelaize@hotmail.com

Orientador: prof. Dr. Bruno Bertoli Esmanhotto

bbesmanhotto@hotmail.com

Co-orientadora: prof. Dr.^a Renata Dal-Prá Ducci

re_ducci@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO AO TEMA

Os psicoestimulantes são medicamentos usados como primeira escolha no tratamento farmacológico do Transtorno do Déficit de Atenção (TDAH). Esses medicamentos agem inibindo a recaptção da dopamina e noradrenalina, neurotransmissores responsáveis pela execução dos movimentos e pela cognição (estado de alerta, excitação e memória), respectivamente. Com isso, eles ficam ativos por mais tempo na fenda sináptica, melhorando o desempenho cognitivo e a coordenação. A venda desses medicamentos exige um controle especial devido ao risco de dependência química e abuso. Dados mostram que eles também são usados com fins não terapêuticos, principalmente entre os estudantes, para diminuir a sensação de cansaço e melhorar o desempenho cognitivo. O problema disso, além dos efeitos adversos, é o risco de dependência.

PERCUSO TEÓRICO REALIZADO

Os psicoestimulantes, chamados ampliadores cognitivos, têm sido ampla e crescentemente utilizados por indivíduos saudáveis, que apesar de não apresentarem nenhum tipo de patologia, buscam por melhoras no desempenho cognitivo. Esses medicamentos agem no Sistema Nervoso Central e são utilizados para o tratamento do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

Os efeitos colaterais dos estimulantes são dose-dependentes e os mais comumente relatados são diminuição do apetite, perda de peso, cefaleia, insônia, dor abdominal, tontura, nervosismo, labilidade emocional e boca seca. Os riscos potenciais graves associados à dose excessiva incluem, mas não se limitam a, insuficiência cardiovascular, ritmo cardíaco irregular, hipertensão arterial sistêmica e paranóia.

Além disso, o uso recreativo dessas substâncias transita para abuso quando um usuário consome a substância em quantidades ou com métodos que são prejudiciais. A dependência de drogas pode ocorrer quando o corpo desenvolve uma necessidade física da droga, com base nas alterações subjacentes do sistema nervoso central que podem persistir após o término da droga. A pessoa desenvolve desejos pela droga e a tolerância a ela pode se desenvolver levando a um maior uso. Cessar o uso da droga pode resultar em uma síndrome de abstinência específica, levando o indivíduo a consumir a substância para aliviar os sintomas resultantes.

As principais fontes de informações e acessibilidade aos psicoestimulantes são as redes sociais e amigos. A crescente aceitação social desses medicamentos aumenta a possibilidade de uso. O aumento da taxa de prescrição para o tratamento de distúrbios cognitivos é preocupante em muitos países, pois também aumenta a possibilidade de uso para fins não médicos, facilitando a ocorrência de vício. Os usuários possuem a percepção de que os estimulantes são menos prejudiciais à sua saúde mental e física, menos viciantes e mais gratificantes (prazerosos) do que analgésicos e tranquilizantes, além do uso para melhora em exames finais, testes em aulas e provas. É possível que sejam percebidos como mais recompensadores, pois acredita-se que aumentem o desempenho acadêmico, mas não são vistos como tendo alto potencial de dependência por esses usuários.

Estudos que examinaram os efeitos dos estimulantes de prescrição nas funções executivas incluíram uma variedade de tarefas que mediram a flexibilidade cognitiva, o cálculo, a fluência verbal, o planejamento e a tomada de decisões. Entre os estudos que examinaram a fluência verbal e o raciocínio gramatical, um estudo apoiou os benefícios do metilfenidato para a fluência verbal complexa; no entanto, a maioria dos estudos resultou em efeitos não significativos tanto da anfetamina quanto do metilfenidato. Os achados referentes ao planejamento e à tomada de decisões foram semelhantes, sem evidências que apoiassem o aprimoramento ou o comprometimento do metilfenidato nesses domínios da função executiva.

Quando estimulantes (tanto anfetamina quanto metilfenidato) estão ativos durante a consolidação da memória, eles podem levar a melhor retenção de informações a longo prazo, mas podem não ter efeitos, ou ter efeitos negativos, em informações de curto prazo de aquisição. Os resultados, portanto, indicam coletivamente que é essencial considerar as características individuais ao determinar se os estimulantes de prescrição melhoram ou não o funcionamento cognitivo.

A questão final a ser abordada, portanto, é se os benefícios superam os riscos para os estudantes que desejam usar medicações com estimulantes prescritos. Atualmente, muitos indivíduos parecem ver os benefícios como superando os riscos e, na verdade, estudantes universitários frequentemente não percebem o uso indevido desses medicamentos como um risco.

CONCLUSÃO

Sugere-se que os alunos sejam conscientizados sobre como lidar com o estresse de forma não-medicamentosa, tornando-os mais resilientes quanto a isso, para que o uso e suas consequências não se cronifiquem durante a profissão e futura carreira. Também é importante que os pais fiquem atentos com os relacionamentos dos seus filhos com os amigos. É importante a criação de políticas governamentais regulatórias e programas de treinamento para promover habilidades para a vida e educar os efeitos adversos dessas drogas prevenir a extensão do uso de estimulantes entre estudantes de medicina.

As presentes descobertas têm importantes implicações para a política de saúde pública. Um programa de saúde educacional deve ser planejado e implementado para evitar o abuso de estimulantes em todo o país e em todas as idades. Informar as pessoas, educando-as logo que estejam frequentando o ensino fundamental (e envolvendo os pais das crianças) por meio dos serviços de saúde locais, aumentaria a conscientização sobre o fenômeno e esperançosamente o inverteria. Educar os estudantes universitários sobre os riscos do uso indevido de medicamentos estimulantes é fundamental. Além disso, médicos e farmacêuticos devem estar atentos ao uso indevido entre os estudantes e seguir cuidadosamente os protocolos de diagnóstico de TDAH, devido ao potencial risco de uso irregular, compartilhamento e venda desses medicamentos.

REFERÊNCIAS

- BATISTELA, S. et al. Methylphenidate as a cognitive enhancer in healthy young people. **Dementia & Neuropsychologia**, v. 10, n. 2, p. 134–142, 2016.
- BRANDT, S. A.; TAVERNA, E. C.; HALLOCK, R. M. A survey of nonmedical use of tranquilizers, stimulants, and pain relievers among college students: Patterns of use among users and factors related to abstinence in non-users. **Drug and Alcohol Dependence**, v. 143, n. 1, p. 272–276, 2014.
- CLEMON, D. B.; WALKER, D. J. The potential for misuse and abuse of medications in ADHD: A review. **Postgraduate Medicine**, v. 126, n. 5, p. 64–81, 2014.
- DE BRUYN, S. et al. Popping smart pills in medical school: Are competition and stress

associated with the misuse of prescription stimulants among students? **Substance Use & Misuse**, v. 0, n. 0, p. 1–12, 2019.

FOND, G. et al. (Mis)use of Prescribed Stimulants in the Medical Student Community. **Medicine**, v. 95, n. 16, p. e3366, 2016.

G., F. et al. Stimulant use in medical students and residents requires more careful attention. **Caspian Journal of Internal Medicine**, v. 9, n. 1, p. 87–91, 2018.

GRANT, J. E. et al. Nonmedical Use of Stimulants Is Associated With Riskier Sexual Practices and Other Forms of Impulsivity. **Journal of addiction medicine**, v. 12, n. 6, p. 474–480, 2018.

GUDMUNDSDOTTIR, B. G.; WEYANDT, L.; ERNUDOTTIR, G. B. Prescription Stimulant Misuse and ADHD Symptomatology Among College Students in Iceland. **Journal of Attention Disorders**, p. 108705471668437, 2017.

MAJORI, S. et al. Brain doping: stimulants use and misuse among a sample of Italian college students. **Journal of preventive medicine and hygiene**, v. 58, n. 2, p. E130–E140, 2017.

RAM, S. et al. Prevalence of cognitive enhancer use among New Zealand tertiary students. **Drug and Alcohol Review**, v. 35, n. 3, p. 345–351, 2016.

RAM, S. (SANYA) et al. Attitudes Toward Cognitive Enhancer Use Among New Zealand Tertiary Students. **Substance Use and Misuse**, v. 52, n. 11, p. 1387–1392, 2017.

STEYN, F. Methylphenidate use and poly-substance use among undergraduate students attending a South African university. **South African Journal of Psychiatry**, v. 22, n. 1, p. 4, 2016.